



CHAVE DE COMPREENSÃO DA HISTÓRIA:

Cultura &
identidades

Denise Pereira
Karen Fernanda Bortoloti
(Organizadoras)



CHAVE DE COMPREENSÃO DA HISTÓRIA:

Cultura &
identidades

Denise Pereira
Karen Fernanda Bortoloti
(Organizadoras)

 **Atena**
Editora
Ano 2021

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Gabriel Motomu Teshima

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2021 Os autores

Copyright da edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Chave de compreensão da história: cultura & identidades

Diagramação: Gabriel Motomu Teshima
Correção: Maiara Ferreira
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizadoras: Denise Pereira
Karen Fernanda Bortoloti

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C512 Chave de compreensão da história: cultura & identidades / Organizadoras Denise Pereira, Karen Fernanda Bortoloti. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-747-2

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.472210312>

1. História. 2. Cultura. 3. Identidades. I. Pereira, Denise (Organizadora). II. Bortoloti, Karen Fernanda (Organizadora). III. Título.

CDD 901

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access, desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

APRESENTAÇÃO

Ainda que sem nos darmos conta, estamos, cotidianamente, refletindo acerca da sociedade em que vivemos. Cada vez que nos questionamos: “como isso foi possível?” ao nos surpreendermos com uma notícia estampada na rede, estamos pensando sobre os rumos que a sociedade está tomando, portanto, nos questionando e refletindo sobre a sociedade que vivemos. A cultura, como um produto social, tem, certamente, um grande impacto em nossa compreensão como sujeito, portanto, entrelaçar historicamente essas duas discussões, qualifica essas reflexões de forma incontestável.

Ao pensar historicamente uma questão central é como a cultura é essencial aos indivíduos para refletirem sobre suas ações no tempo e a construção de identidades tão diversas. Neste sentido, pensar em história requer pensar em cultura, justamente porque ao estudar a multiplicidade deste conceito desvendaremos as questões inseridas em nosso dia a dia com o objetivo de possibilitar melhor compreensão de todos os fenômenos que estão imersos no cotidiano e impactam em nosso posicionamento no mundo.

Neste momento, em que presenciamos discussões cada vez mais acirradas sobre as identidades, é importante retomarmos os ensinamentos que nos foram legados pelo antropólogo Clifford Geertz de que a cultura é um “sistema simbólico”, uma teia de significados que carrega mecanismos de controle para governar o comportamento. É construída a partir de valores e crenças, de códigos morais e hábitos que são socialmente erigidos, transmitidos, aprendidos por meio de signos e símbolos. Ela contribui para regular e padronizar atitudes e emoções, contribui, historicamente, para a elaboração de identidades.

Este e-book é sem dúvida, um convite a reconhecer no “outro”, naquele que a princípio enxergamos através de pré-conceitos e pré-julgamentos, alguém com quem podemos potencialmente aprender, com quem podemos nos modificar e que também podemos transformar.

Esperamos que as leituras destes capítulos possam ampliar seus conhecimentos e instigar novas reflexões.

Denise Pereira
Karen Fernanda Bortoloti

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

AS REFORMAS DE POLÍTICAS PÚBLICAS EDUCACIONAIS NO BRASIL E O ENSINO DE HISTÓRIA

Vanderlise Ines Prigol Reginato

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4722103121>

CAPÍTULO 2..... 14

HISTÓRIA DA DISCIPLINA HISTÓRIA NA ESCOLA BÁSICA: O ensino da história local

Ely Carlos Silva Santos

Clarice Nascimento de Melo

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4722103122>

CAPÍTULO 3..... 27

HISTORIADORES EM ACERVOS: O FASCÍNIO E OS DESAFIOS DO TRABALHO NO CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E PESQUISA EM HISTÓRIA

Luciana Cristina Pinto

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4722103123>

CAPÍTULO 4..... 38

A ATUAÇÃO DOS EGRESSOS DA ESCOLA DO RECIFE NO PIAUÍ NO FINAL DO SÉCULO XIX E INÍCIO DO SÉCULO XX

Eduardo Albuquerque Rodrigues Diniz

Teresinha de Jesus Mesquita Queiroz

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4722103124>

CAPÍTULO 5..... 53

AS CONTRIBUIÇÕES DAS TECNOLOGIAS ASSISTIVAS AO PROCESSO EDUCATIVO DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL

Luzia Alves da Silva

Paulo Miranda da Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4722103125>

CAPÍTULO 6..... 64

UMA EXPERIÊNCIA DECOLONIAL DA ESCOLA MUNICIPAL EUGENIA ANNA DOS SANTOS: NARRATIVAS E SABERES DO CANDOMBLÉ NA CONSTRUÇÃO DA CONSCIÊNCIA HISTÓRICA

Silene Ferreira Claro

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4722103126>

CAPÍTULO 7..... 80

O PASSADO E A HISTÓRIA DIFÍCIL PARA O ENSINO E APRENDIZAGEM DA HISTÓRIA

Adriane de Quadros Sobanski

Rita de Cássia Gonçalves

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4722103127>

| | |
|---|------------|
| CAPÍTULO 8 | 99 |
| SANTOS - MUITO MAIS QUE UMA CIDADE LITORÂNEA: UMA CIDADE HISTÓRICA! Mara Cristina Gonçalves da Silva  https://doi.org/10.22533/at.ed.4722103128 | |
| CAPÍTULO 9 | 114 |
| OS PRINCIPAIS RITUAIS DO TRADICIONAL CASAMENTO UCRANIANO NA CIDADE DE ANTÔNIO OLINTO (1950 - 1980) Jéssica Paula Kaczyk Cuba Denise Pereira  https://doi.org/10.22533/at.ed.4722103129 | |
| CAPÍTULO 10 | 133 |
| INTELECTUAIS REGIONAIS E HISTÓRIA INTELECTUAL: INDAGAÇÕES SOBRE USOS, PROBLEMAS E POSSIBILIDADES Erivan Cassiano Karvat  https://doi.org/10.22533/at.ed.47221031210 | |
| CAPÍTULO 11 | 145 |
| HISTÓRIA ORAL NA HISTORIOGRAFIA ALAGOANA: UMA ANÁLISE QUALITATIVA Josilene Melo Paulino  https://doi.org/10.22533/at.ed.47221031211 | |
| CAPÍTULO 12 | 155 |
| “SUBIR O MORRO PARA DEPOIS DESCER”: MISÉRIA E SUCESSO DOS SAMBISTAS CARIOCAS NAS CRÔNICAS DE JOTA EFEGÊ Camila Medina Zanão  https://doi.org/10.22533/at.ed.47221031212 | |
| CAPÍTULO 13 | 168 |
| CULTURA MATERIAL E CONSUMO ALIMENTAR NA BELLE ÉPOQUE CARIOCA (1904-1914) Jadir Peçanha Rostoldo  https://doi.org/10.22533/at.ed.47221031213 | |
| CAPÍTULO 14 | 177 |
| BIBLIOTECA JOSÉ BAYOLO PACHECO DE AMORIM - UM BREVE OLHAR SOBRE AS MARCAS-DE-ÁGUA DE DOCUMENTOS IMPRESSOS EM PORTUGAL (SÉC. XVI-XVIII) Paula Alexandra Da Costa Leite Pinto Pereira  https://doi.org/10.22533/at.ed.47221031214 | |
| CAPÍTULO 15 | 201 |
| BRIGITTE E MARQUESA: SUBJETIVIDADES, TRAVESTILIDADES, AMIZADE E LOUCURA (1950-1960) Paulo Vitor Guedes de Souza | |

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.47221031215>

| | |
|------------------------------------|------------|
| SOBRE AS ORGANIZADORAS..... | 216 |
| ÍNDICE REMISSIVO | 217 |

CAPÍTULO 9

OS PRINCIPAIS RITUAIS DO TRADICIONAL CASAMENTO UCRANIANO NA CIDADE DE ANTÔNIO OLINTO (1950 - 1980)

Data de aceite: 01/12/2021

Jéssica Paula Kaczyk Cuba

Acadêmica do curso de Licenciatura em História da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Trabalho de conclusão de curso apresentado na disciplina de OTCC

Denise Pereira

Mestre em Ciências Sociais Aplicadas (UEPG), Especialista em História, Arte e Cultura, (UEPG), Especialista em Tecnologias Educacionais, Gestão da Comunicação e do Conhecimento (CENSUPEG); Especialista em Docência do Ensino Superior, Gestão e Tutoria EAD (FABRAS); Especialista em Gestão Educacional (IBRA)) Graduada em História (UEPG) e Graduada em Pedagogia (IBRA). Atualmente Professora/Tutora Ensino a Distância da UEPG, Professora Orientadora de TCC da UFRN, Professora assistente da FASU

RESUMO: O presente artigo trabalha inicialmente o processo de chegada dos imigrantes ucranianos no Brasil e em especial em Antônio Olinto, analisando seu processo de habitação na então colônia e na manutenção de sua cultura, como a prática de casamentos e a influência cultural. Assim, trará por meio da História Oral uma abordagem a respeito dos principais ritos e rituais do tradicional casamento ucraniano, realizado em Antônio Olinto entre as décadas de 1950 até 1980. Serão destacados quais eram estes ritos, em que momento ocorriam e como eram realizados, analisando sua importância

para os ucranianos, bem como a mudança de hábitos quanto a esses rituais no decorrer das décadas. A fonte oral é utilizada como uma maneira de conhecer além do fato, por meio dela é possível adentrar na vida privada dos entrevistados, revelando aspectos que remetem à práticas cotidianas e modos de agir e viver, bem como o orgulho destes entrevistados de fazer parte de determinado povo e de poder contribuir, compartilhando seu conhecimento e seu passado, por meio de lembranças e sentimentos que marcaram suas vidas.

PALAVRAS-CHAVE: Emigração; Cultura; Casamento ucraniano; Rituais.

1 | INTRODUÇÃO

O processo imigratório ucraniano, em si, pode ser considerado como uma imigração triste, à medida que ocorreu em um contexto no qual os indivíduos passavam por uma situação delicada em sua terra natal. Os ucranianos enfrentavam uma situação de grave de crise econômica, na qual estavam passando muitas dificuldades, entre elas, a falta de terras para administrarem. Porém, de acordo com a política para atrair imigrantes, que ocorria na Europa, esta dificuldade seria superada, pois os imigrantes herdariam uma boa quantidade de terras em seu usufruto, fazendo com que uma leva de ucranianos imigrassem para várias regiões do Brasil em busca de uma vida melhor, e entre essas regiões estava a colônia de

Antônio Olinto, no Paraná, sul do Brasil.

Ao chegarem ao Brasil, e então a Antônio Olinto, as dificuldades que vinham enfrentando não desapareceram, muito pelo contrário, passaram a ser explorados de diversas maneiras, continuando sem terras, agrupados juntos às outras famílias em um mesmo espaço e com alimentos escassos. Além disso, ainda tinham de lidar com a tristeza de estarem tão longe de seu país de origem, sem saber o que o futuro os reservava.

Depois de alguns anos em uma situação desagradável, foram finalmente conquistando uma quantidade de terras para se estabelecerem com suas famílias. Aos poucos, conseguiam exercer algumas ligações na colônia, econômicas e principalmente sociais.

Dessa forma, pode-se entender o processo de imigração não apenas como o deslocamento de pessoas em si, mas também como um processo de deslocamento cultural e simbólico, o qual diz respeito a identidade de um povo.

Nessa mesma perspectiva, será analisada a festa de casamento, realizada pelos descendentes de ucranianos entre as décadas de 1950 até 1980, e a partir dela, a sequência de ritos realizados em seu decorrer, bem como a importância que eles tinham para a manutenção da cultura ucraniana, uma cultura que denotava a posição social dos indivíduos por meio de símbolos externos.

O principal meio para obter informações é por meio da História Oral, buscando entrevistas com pessoas de descendência ucraniana na região de Antônio Olinto e que conservaram ao máximo a tradição e tiveram em suas festas de casamento alguns dos ritos tradicionais, ou se não tiveram, costumavam participar de outros casamentos que tivessem. Dessa maneira, é por meio das entrevistas que as pessoas são capazes de revelar sob sua perspectiva a importância e simbologia social que estes ritos e rituais detinham.

Neste tema de pesquisa, têm-se a importância em mostrar como os ritos da festa de casamento eram importantes para os imigrantes, os quais tentaram repassar aos seus descendentes o significado e fundamento em se manter a tradição. É um tema acessível à medida que podem serem feitas pesquisas de campo por meio das entrevistas, as quais representam a fonte viva para pesquisa.

Ao trabalhar com entrevistas, será possível perceber, por exemplo, como era feita a despedida da noiva pela mãe, o ritual das coroas, realizado pelo padre no interior da Igreja, e também como era o recebimento dos noivos na festa do casamento, além de outros que ocorriam no decorrer da cerimônia até seu término.

Dessa maneira, as entrevistas vão revelar uma nova fase que ocorria nos casamentos após 1950, pois com a morte do Padre Michalczyk, os cidadãos obtiveram aos poucos uma mudança de costumes, desde a escolha da data de casamento, até os adornos que deviam ser utilizados para definir a posição social, como por exemplo, o véu (ou lenço) de mulher casada.

21 O MOMENTO DA CHEGADA E HABITAÇÃO

A Grande Imigração, como foi conhecido o processo emigratório do século XIX, foi marcada pela esperança que esteve fortemente ligada à “mobilidade social”, à qual, garantiria aos imigrados outras condições de vida e também outras posições sociais, diferentemente do que tinham na Europa, já que fatores econômicos foram a principal causa da imigração, fazendo com que houvesse o desenraizamento do povo ucraniano, o qual foi acompanhado “pelo firme propósito de construir uma nova realidade” (ANDREAZZA, 2007, p. 29).

Segundo Frankó (1981), “os ucranianos, em sua maioria agricultores, entre outras coisas, sofriam pela falta de terra”, ou seja, a maior parte das terras encontrava-se nas mãos de poucos e a solução seria imigrar para o Brasil, onde eram prometidas condições favoráveis. (apud. LUCAVEI; SCHORNER, 2013, p. 50)

No Brasil, por sua vez, a política de abolição da escravidão provocou a escassez da mão-de-obra agrária e esse problema seria resolvido com a vinda de europeus para o país. Nessa perspectiva, o governo brasileiro “investia fortemente em uma política para atrair imigrantes”, enviando alguns agentes à Europa para que distribuíssem panfletos, nos quais eram mostradas as ótimas condições que o Brasil tinha a oferecer (LUCAVEI; SCHORNER, 2013, p. 50). “As vantagens aqui encontradas eram exibidas em imagens de um país de exuberância, como forma de atrair o maior número de imigrantes europeus (ROMANHUK, 2004, p. 9; apud. LUCAVEI, SCHORNER, 2013, p. 51)”.

Houveram três momentos em particular que o Brasil, e principalmente o Paraná receberam uma leva de imigrantes ucranianos. Essa primeira etapa ocorreu “a partir do fim do século XIX e foi constituída por lavradores da Galícia, importante cidade ucraniana, onde em 1169 consolidou-se, em 1795, terra de domínio Austríaco e da Bucovina, região localizada na parte ocidental da Ucrânia, tendo em 1795 passado ao domínio Austríaco” (LUCAVEI; SCHORNER, 2013, p. 51)

Já a segunda e terceira etapa ocorreram no contexto da Primeira e Segunda Guerras mundiais, nesse momento entraram muitos ucranianos no Brasil e Paraná.

Dessa forma, muitos ucranianos, ao imigrar, não tinham a intenção de permanecer no Brasil, mas sim, enriquecer e retornar à sua pátria. Ou seja, tinham o desejo de tornarem-se grandes proprietários de terras e enriquecerem em um país desconhecido. (LUCAVEI, SCHORNER, 2013)

Em contrapartida, os planos do governo brasileiro eram outros, em vez de doarem uma boa quantia de terras aos imigrantes, objetivavam colocá-los para que executassem o trabalho braçal nas lavouras e para que abrissem estradas, a fim de melhorar o acesso ao povoamento (LUCAVEI, SCHORNER, 2013). De fato, “ao chegarem se deparavam com: florestas imensas para serem derrubadas e solo cultivado sem ferramentas e aparelhos agrícolas, já que na Europa não conheciam a foice” (HANEIKO, 1985, p. 47; apud. LUCAVEI,

SCHORNER, p. 51).

Por outro lado, o fato de imigrar com o grupo não foi apenas no sentido superficial de que eram apenas um grupo de imigrantes ucranianos vindos para trabalhar, como eram vistos na perspectiva da política imigratória. Mas sim, um povo que além do trabalho, trouxe sobretudo os valores culturais, carecendo inicialmente de assistência religiosa.

Ao chegar ao Brasil, os imigrantes ucranianos foram estabelecidos em várias colônias ao Sul do país, entre elas, a Colônia Antônio Olinto, situada ao sul do Estado do Paraná, onde foram estabelecidos em 1895, contabilizando 380 famílias.

Nesse momento, Antônio Olinto também contava com uma grande quantidade de italianos, alemães e nacionais, além dos poloneses e rutenos, totalizando 2250 habitantes na região.

Os ucranianos, por sua vez, encontravam-se na condição de pequenos proprietários rurais, os quais ocupavam lotes, contendo em média dez alqueires de chão, que foram comprados do Governo do Estado. (ANDREAZZA, 1999)

Segundo a análise de M. Sahlins, há um debate acerca das transformações que os grupos sofrem quando são submetidos a situações de contato cultural. Para Sahlins, “a ação social é ao mesmo tempo reprodução de uma cultura e fator de sua alteração” (ANDREAZZA, 1996, p. 29).

Para Andreazza (1996), essas alterações que surgiram poderiam estar indicando um desejo de mudança. A autora complementa afirmando que, no mínimo, “as modificações na organização familiar significam que o grupo emigrante necessitou reavaliar seu campo simbólico para criar e legitimar outras normas decorrentes das “novidades” que passam a integrar seus cotidianos” (ANDREAZZA, 1996, p. 30).

Assim, para que haja a construção de uma mesma identidade, é necessário que boa parte desse grupo tenha a consciência de pertença de si mesmo. Para Barth (1998), reconhecer um outro como membro desse grupo requer deste um compartilhamento de alguns critérios de julgamento e avaliação. Isso significa que existe entre esses indivíduos uma expansão de seus relacionamentos, em diversos campos de suas atividades.

Dessa forma, o contato com outros povos que também habitavam a colônia e regiões próximas serviu de agente para legitimar a identidade étnica dos ucranianos, à qual é construída a partir da atração que ocorre por seus semelhantes e da diferença que se percebe em relação ao outro, considerado como estrangeiro. É possível perceber então que não é o isolamento que define a identidade, mas sim, a forte associação de um indivíduo a um determinado grupo, formando a consciência de pertença que tem de si.

3 | CASAMENTOS NA COLÔNIA: SÍMBOLOS DE MANUTENÇÃO E PRESERVAÇÃO DA CULTURA E IDENTIDADE DE UM POVO

Desde a chegada dos ucranianos ao Brasil, os mesmos puderam continuar sua

cultura pois a Nova Pátria não os proibia. Dessa forma, logo que habitavam em alguma região, procuravam sacerdotes que pudessem celebrar as missas, os casamentos, os batizados e também os enterros, continuando suas manifestações e afirmando sua identidade.

Para Cuche (1999), a identidade de um povo se afirma quando sua cultura se opõe a de outro grupo com quem entram em contato, sendo que o contexto social em que estão inseridos orientam suas escolhas e representações. Reflete que *“uma construção que se elabora em uma relação que opõe um grupo aos outros grupos com os quais está em contato”*. Para o autor, deve-se sempre ter em vista que a *“construção da identidade se faz no interior de contextos sociais que determinam a posição dos agentes e por isso mesmo orientam suas representações e suas escolhas.”* (1999, p. 53).

O fato dos ucranianos continuarem exercendo sua cultura no Brasil ocorreu também pelo fato da religião ser a única certeza e garantia que tinham consigo, sendo essencial levar em consideração que a religião foi um ponto crucial para integrar esses imigrantes à nova pátria, à medida que

(...) quando na vinda dos primeiros imigrantes para o Brasil, eles não tinham ninguém que olhasse por eles, visto que não existia nenhuma representação diplomática que pudesse garantir os direitos que esses imigrantes tinham adquirido, pelo menos em promessas, ainda em solo europeu. Sem essa representação, esses imigrantes se apegaram a um tipo de representação que eles tinham certeza que não os abandonaria em momento algum de suas vidas, a representação religiosa. Com isso, não é difícil perceber por que a maioria das representações coletivas, que esses imigrantes tentam por em prática e passar para seus descendentes, são as representações religiosas (RAMOS, 2008; apud. LUCAVEI, SCHORNER, 2013, p. 52)

O fato de Antônio Olinto ser situada em área rural, contribuiu para que os ucranianos frequentassem a uma única paróquia, já que os imigrantes estavam concentrados neste espaço.

Desde que chegaram, os imigrantes “recebiam assistência espiritual em uma Igreja na sede da Colônia onde os ofícios religiosos transcorriam sob a ritualização latina” (com a ritualização católica já estabelecido, esses imigrantes tinham a oportunidade de analisar se ocorria a identificação étnica). Porém, em 1904, os imigrantes compraram um terreno e iniciaram a edificação da “sua Igreja”, ou seja, a Igreja em que tinham o sentimento de pertencimento, caracterizando sua identidade (ANDREAZZA, 2007, p. 31-32).

Inicialmente, a colônia contava com padres itinerantes, mas, após 1911, mantinha um pároco fixo, João Michalczuk, o qual chegou 15 anos após a instalação dos colonos e permaneceu por 39 anos.

Segundo Andreazza (1996), desde que se estabeleceram na colônia, era comum que os pais escolhessem os noivos aos seus filhos. De acordo com a autora, era provável que as mães preferissem escolher a noiva ao filho, assim teria a oportunidade de escolher uma boa nora, já que era comum morarem na mesma casa. Quanto aos pais, era provável que

preferissem escolher o noivo para a filha, pois da mesma forma, escolheria um bom genro, que não fosse vadio. Dessa mesma maneira, quanto ao fato dos pais escolherem com quem os noivos se casariam, “isto estaria justificado pelo costume generalizado, até por volta da década de 1960, de moradia do novo casal com os progenitores” (ANDREAZZA, 1996, p. 131).

A escolha do noivo/a também era fortemente influenciada pela etnia, pois era preferível que eles casassem com seus semelhantes, ou seja, ucranianos. Essa espécie de “regra” era firmemente pregada por Michalczyk durante os anos que esteve na colônia.

A fim de reforçar esse fato, Andreazza (1996), em seu livro intitulado “Paraíso das Delícias”, cita o trecho de uma carta, escrita pelo Padre Michalczyk e endereçada ao Metropolitano Andrei Szeptetzkei, em 1912:

Mas eu sempre afirmo: primeiro Deus, segundo a religião, terceiro o nosso rito e depois o resto. E também, aconteça o que acontecer, eu não vou entregar moça alguma a brasileiro nenhum, a não ser que aconteça algo que Deus me livre. De mais a mais, sei como vivem os que casaram com estes caboclos. Eles não têm religião nos dias santificados; só vivem de um dia para o outro literalmente vegetando. E aqueles que possuem ainda uma centelha de amor a Deus, choram e se lamentam daqueles que poderiam proibi-los um dia e não o fizeram (ANDREAZZA, 1996, p. 133).

Os pais dos noivos levavam muito em consideração a opinião e também as “regras” do Padre nas primeiras décadas em que estavam estabelecidos na colônia. Segundo Andreazza (1996, p. 131), em uma entrevista, colheu o seguinte relato:

É, o padre Michalczyk me obrigou a casar com o João. A outra minha irmã podia casar com ele, a mais nova. E eu era para ficar. Daí o padre disse: que fica nada. Ele começou a amolar, o pai também. Daí casei. Moramos um ano com o pai, e daí mudamos para perto da igreja.

Dessa forma, os noivos não poderiam escolher seus cônjuges, e quando os pais escolhiam o casal, os noivos casavam-se em um curto período de tempo.

Ainda segundo Andreazza (1996), nos casamentos que ocorreram entre 1950 e 1960, pessoas que não eram da mesma etnia mas que moravam em Antônio Olinto relataram o hábito de os jovens não interferirem nessa questão:

Era tudo muito controlado; não havia liberdade e eram poucos os dias de namoro. No começo não havia namoro: era tudo arranjado pela família, os pais decidiam. Um pai tinha uma filha para casar, lá o compadre tinha um filho... Eles conversavam e ajeitavam o casamento. Inclusive meu marido, quantos casamentos arranjou (ANDREAZZA, 1996, p. 132).

Andreazza (1996) faz menção de uma jovem, à qual casou-se em 1993 e que certamente escolheu seu futuro marido, porém, antes do relacionamento pediu permissão aos pais e afirmou que se eles não aceitassem, ela acataria a decisão do pai. Essa situação, segundo ANDREAZZA (1996), permaneceu até meados de 1960, quando aos poucos, os habitantes foram escolhendo com quem se casariam.

4 | OS CASAMENTOS E SEUS RESPECTIVOS RITUAIS NAS DÉCADAS DE 1950 ATÉ 1980 EM ANTÔNIO OLINTO

De acordo com HORBATIUK (1983, p. 204):

os rituais do casamento ucraniano são (...) o pão especial do casamento (Korovai), a Consagração a Maria e a bênção especial da noiva, e as canções próprias para a festa de casamento “Kolomeikas (apud. LUCAVEI, SCHORNER, 2013, p. 50).

Realizando um estudo de caso, em Antônio Olinto, nas décadas de 1950 à 1980, elaborado por meio de entrevistas, mostra-se que, de fato, nesse contexto, os noivos já escolhiam com quem desejavam construir uma vida juntos. Em uma entrevista, com um casal da localidade, João Karpowicz (2019), casado na década de 1950, comprova a afirmação: “eu escolhi ela e ela me escolheu, e nós casamos”.

Quando o casal começava a namorar, não demorava para que ocorresse o noivado, o qual normalmente acontecia uns 3 meses antes do casamento, porém, o período em que ficavam noivos poderia variar de casal para casal e também quanto à disponibilidade do Padre, pois desde 1950, Antônio Olinto passou a contar com padres itinerantes.

Em contrapartida, apenas alguns anos atrás, a situação era outra com Padre Michalczyk. O Padre impedia que os casamentos fossem realizados aos sábados, pois para ele, depois de ir à cerimônia de casamento à comunidade certamente participaria da festa, e isso impediria que frequentassem a missa do domingo, portanto, os casamentos tinham que ser realizados na terça-feira, reservando a segunda-feira para o início da comemoração na casa da noiva, quando chegavam os presentes. (ANDREAZZA, 1996)

Por outro lado, a partir de 1950 (ano da morte do Padre Michalczyk), os casamentos deixaram de ser celebrados às terças-feiras, pois a partir daí não havia mais um padre que permanecesse na localidade. Dessa forma, as cerimônias passaram a ocorrer nos sábados, pois a visita dos padres se restringia aos fins de semana. (ANDREAZZA, 1996)

Os entrevistados João K. e sua esposa Lúcia K. comentaram que não tinha um tempo específico para noivar e casar, mas também não poderia demorar tanto. Quando questionados sobre a disponibilidade de datas para realizar a cerimônia e se esta data poderia ser escolhida, falaram:

nós podíamos escolher a data do casamento mas tinha que ver qual dia o padre ia vim, ele vinha para cá uma vez por mês, e quando vinha, havia vários casamentos para serem realizados. Quando nos casamos, havia cinco. O padre realizava uma missa de casamento e depois de uma hora mais ou menos realizava outra. Dava tempo de decorar a entrada da Igreja. A decoração era natural, nós fazíamos de flores e também de folhas de palmeira. Era enfeitada a entrada da Igreja, a casa da noiva e o portão, e também os cavalos e carroças. Sempre os casamentos eram de manhã ou depois do almoço e nunca tinha casamentos à noite como tem agora (KARPOWICZ, 2019)

No princípio os noivos iam para o casamento a pé, mais tarde passaram a utilizar carroças ou as chamadas charretes (carrocinha conduzida por apenas um cavalo). Essas carrocinhas iam à Igreja com os cavalos enfeitados, sendo que

a decoração da carrocinha era função das *drújke* que, em coerência com uma cultura de enfeitar os meios de transporte não foi alterada ao decorrer da modernização desses transportes, visto que, os caminhões continuaram a ser enfeitados (ANDREAZZA, 1996, p. 165)



IMAGEM 1 – CASAMENTO DE JOÃO KARPOWICZ E SUA ESPOSA LÚCIA, NA DÉCADA DE 1950

Fonte: acervo particular de João Karpowicz

A noiva era quem formalizava o convite para o casamento. Não havia o costume de entregar o convite escrito, ele era feito verbalmente. A noiva era acompanhada por amigas solteiras, denominadas *drújke*, e dentre elas, uma era a principal. Até 1940 as noivas formalizavam os convites usando uma guirlanda de flores na cabeça, à qual era preparada juntamente com as *drújke*.

As *drújke* também eram responsáveis por reforçar o convite alguns dias antes da cerimônia, andando nas casas dos ucranianos da colônia, esse convite era reforçado e durante o dia pois moça respeitável não saía sozinha à noite. Depois de alguns anos, as *drújke* reduziram-se a uma. De acordo com Andrezza (1996), não é possível estimar precisamente em que década as *drújke* se reduziram.

O noivo também escolhia um amigo que era seu *drújba*, que o acompanhava “no

cortejo para a realização da cerimônia religiosa e nos rituais que transcorriam durante a festa”. (ANDREAZZA, 2007, p. 35)

De acordo com João K., “cada um de nós escolhíamos alguém para ir junto convidar para o casamento, ela poderia escolher uma amiga e eu um amigo”. Outra entrevistada, Zélia de Souza (2020), casada na década de 70, complementa:

eu escolhi duas amigas e ele dois amigos para ir junto fazer o convite, cada um de nós levava junto um buquezinho para convidar as pessoas, eu lembro que o meu era azul, mas o dele não lembro. Tinha uns que levavam só um amigo ou amiga junto e não dois, mas isso dependia de pessoa para pessoa.

Além das *drújke* e *drújba*, os noivos também tinham de escolher dois padrinhos, um por noivo. Segundo a análise feita em Antônio Olinto dos casamentos realizados entre a década de 50 e 80, constatou-se que o número de padrinhos não mudou, que durante esses anos era feita desta maneira a manifestação dos padrinhos. De acordo com João Karpowicz (2019) “dois padrinhos eram escolhidos, dois homens, não tinha mulheres, só as *drújke*. Os padrinhos que pagavam o casamento”.

A festa de casamento ocupava a comunidade por mais de uma semana, na qual eram preparados os alimentos e os atos costumeiros. Segundo Horbatiuk (1983, p. 203):

Os preparativos começavam quatro ou cinco dias antes. Os pais da noiva, auxiliados por uma equipe de homens e mulheres, especialmente convidados para este fim, que tem destaque no cortejo nupcial, formam o grupo mais chegado aos noivos e servem a mesa durante o jantar (apud LUCAVEL; SCHORNER, 2013, p. 59).

Também cabia as mulheres “a preparação das massas, repolho e pepino azedo e do Korovai; aos homens, o preparo das carnes: eles tinham o serviço deles que era lidar com os porcos e com o boi. A vizinhança trazia farinha, ovos, açúcar e outros ingredientes para a preparação dos alimentos” (ANDREAZZA, 1996, p. 162-163).

De acordo com a preparação para o casamento, os entrevistados relataram uma série de informações: os preparativos eram iniciados quatro dias antes do casamento ou até uma semana, dependia do que tanto iriam preparar. Quanto a divisão de tarefas, os homens eram responsáveis por abater os animais que iriam ser assados, a cortar espetos de “cerne” e também improvisar churrasqueiras. Já as mulheres preparavam a maior parte das comidas, durante a semana do casamento elas faziam linguiças com os “miúdos” dos animais, faziam pães e cuques, o bolo e mais umas comidas. Quanto as bebidas, as mulheres costumavam preparar cerveja caseira e de bebida com álcool a pinga era mais comum. (informações relatadas verbalmente por João Karpowicz e a esposa Lúcia K., 2019; e Antônio de Souza e esposa Zélia B. de Souza, 2020).

Ainda de acordo com o entrevistado João Karpowicz (2019):

me lembro que deu até um acidente com as carroças porque os donos beberam muito e os cavalos acabaram batendo aquelas carroças uma na outra.

Sobre os alimentos preparados, a entrevistada Zélia de Souza complementa com:

no casamento nós fazíamos macarrão caseiro, geleia com banha de porco, maionese, carne (...). A carne fazia do que tivesse, era mais comum de galinha e para temperar era colocada em gamelas. Para beber, em nosso casamento fizemos cerveja caseira. No dia da festa, à meia noite, era feito um café para os convidados (de SOUZA, 2020).

Antes da cerimônia de casamento o padre ia ao encontro dos noivos à porta, à fim de interrogá-los se estavam de acordo em receber o sacramento do matrimônio. Segundo Andreazza (1996, p. 166), esse ato tem suas raízes na cultura rutena à qual “concebe as bodas como a união de um príncipe e uma princesa”.

Por este mesmo motivo e simbologia ocorre a *vintchánha* (realizada no *tetrápod*) “no qual o celebrante cobre os noivos com uma coroa confeccionada com ramos verdes, momento importante da cerimônia que concebe aos noivos o direito a vida conjugal” (ANDREAZZA, 1996, p. 167).

Dessa forma, antes da cerimônia, os noivos e seus familiares eram responsáveis por confeccionar essas coroinhas. De acordo com a entrevistada Lúcia Karpowicz:

as coroas nós mesmas fazíamos, era feita de cipó ou ramo verde e em um momento da cerimônia o padre colocava sobre a cabeça, ela simbolizava a aliança entre o casal. Aqui eu fazia muitas coroas pois alguns não sabiam fazer. As irmãs também faziam. Hoje em dia alguns fazem e outros compram a coroa pronta. Outros nem fazem mais (KARPOWICZ, 2019)



IMAGEM 2 – FAMÍLIA DA NOIVA ANTES DE SAIR PARA A IGREJA, AS COROAS PODEM SER VISUALIZADAS, FEITAS COM RAMOS VERDES

Fonte: acervo pessoal de João Karpowicz

Nesse ritual, o padre toma a coroa nas mãos e abençoa os noivos impondo a coroa na cabeça dos mesmos, sendo recebida como o vínculo matrimonial. A coroa pode ser feita de flores ou ramos verdes, como por exemplo, o cedrinho.

Durante a cerimônia, após a Epístola e a Litânia, há a Deposição das coroas, nela

o sacerdote retira a coroa da cabeça do noivo, desejando que ele prospere como Abraão, seja abençoado como Isaac e tenha a fecundidade de Jacó, tendo uma vida de paz, cumprindo os mandamentos de Deus. Em seguida retira a coroa da cabeça da noiva, desejando-lhe a prosperidade de Sara, a alegria de Rebeca e a fecundidade de Raquel, sendo feliz com seu esposo, sempre seguindo a lei divina (LUCAVEI; SCHORNER, 2013, p. 58).

Segundo HORBATIUK (1983), a Consagração a Maria e a Bênção especial da Noiva era (e continua sendo) outro ritual muito importante no casamento ucraniano. Nessa bênção “o sacerdote conduz a noiva diante da imagem da mão de Deus, em seguida a noiva coloca um buquê de flores diante da imagem “a fim de demonstrar seu respeito e devoção” (apud. LUCAVEI, SCHORNER, 2013, p. 58). Depois,

o sacerdote põe sobre a cabeça da noiva um lenço ou manta branca e faz uma oração para que a mesma seja coberta pelo poder divino e livre de todo mal, em todos os seus dias, na presença de seu marido. O sacerdote faz o

sinal da cruz sobre a cabeça da noiva e esperge com água benta. A noiva retorna ao altar junto de seu marido (LUCAVEL; SCHORNER, 2013, p. 58).

No ritual da bênção da noiva, alguns padres podem realizar também o ritual da taça de vinho, no qual a noiva dá de beber ao noivo e o noivo faz o mesmo, simbolizando a alegria. Por fim, os presentes cantam *mnohaia lita* (parabéns) em bênção à noiva.



IMAGEM 3 – CASAL LÚCIA E JOÃO KARPOWICZ, CASADOS NA DÉCADA DE 50.

Fonte: acervo pessoal de João Karpowicz.

Após a cerimônia religiosa, os convidados eram esperados para a festa, à qual poderia durar apenas um dia ou então vários. Conforme os entrevistados, a duração de uma festa de casamento variava muito, geralmente se iniciava na sexta-feira pois era quando chegavam os parentes mais distantes à casa da noiva, a fim de depositar os presentes. De acordo com os entrevistados, ao falar dos presentes que eram geralmente oferecidos, declararam que eram coisas pequenas, podendo ser bacias, algumas louças e até animais e comidas; “os padrinhos nos deram uma panela e um bule de porcelana com xícara”, afirmou a entrevistada Lúcia K. (2019).

Como contaram os casais, a festa de casamento em si se estendia até o domingo,

“no domingo era feito o *propavine...* repique como vocês dizem”, contou a entrevistada Zélia de Souza (2020).

Ao chegar no local da festa de casamento, que geralmente era em algum paiol na casa da noiva (pois conforme o ritual ucraniano era o pai da noiva o responsável pela festa), os pais do noivo os recebiam na festa com vinho e pão, e eram abençoados com estes ícones (ANDREAZZA, 1996). Segundo a entrevistada Zélia de Souza:

ao sair de casa, a noiva era benzida com um raminho e água benta. Os nossos pais recebiam nós na festa com pão e uma garrafa de vinho, que simbolizavam o corpo e o sangue de Cristo. Também havia uma pessoa para receber no portão tocando música, ele nos recebia e depois tocava também para cada convidado que ia chegando, se ele estivesse sentado e visse mais convidados, ele levantava e começava a tocar de novo (de SOUZA, 2020).

Outro entrevistado, João K., comenta que:

na saída fomos abençoados com o pão e a cruz, que simbolizava bênção e fartura, na chegada, fomos recebidos com a água e vinho, que simbolizava a união, e também com pão e sal, sendo que o sal simbolizava o tempero da vida e o pão era o corpo de Cristo, para que este alimento nunca nos faltasse (KARPOWICZ, 2019).



IMAGEM 4 – A MÃE COM PÃO E SAL DESPEDE SUA FILHA PARA CASAMENTO

Fonte: acervo particular de João Karpowicz

O *Korovai*, por sua vez, é uma tradição muito antiga, sendo uma maneira de conectar-se com seus antepassados e portanto, instrumento de manutenção das sociabilidades. O mesmo, é uma espécie de pão doce (tipo *kuque*), bem grande e com uma infinidade de enfeites: a “lua, estrelas, flores, folhas e pássaros, que são feitos com a própria massa do pão, só não utiliza-se o fermento nestes enfeites, assim eles ficam firmes e não são comestíveis” (LUCAVEI, SCHORNER, 2013, p. 60). Os enfeites que representam a Lua e a Estrela, de acordo com a tradição ucraniana, associam-se ao casal, e essa ‘parte’ do pão reserva-se a eles.

Ao preparar o pão, “a mãe da noiva esprege com água benta a massa, para que tudo dê certo”, pois, se o *Korovai* alcançar o ponto ideal de crescimento, significa que a vida do casal irá prosperar, o contrário ocorreria se o pão não crescesse, fazendo com que em alguns casamentos fosse deixado de fazer esse ritual. (CHOMA, 2013, p. 86; apud. TAMANINI, 2010, p. 40)

A respeito da preparação do pão, Lúcia K., comenta que:

no meu casamento nós não fizemos o Korovai, é tanta coisa pra preparar...mas no casamento de uma conhecida minha foi feito e eu ajudei na preparação. Eu e mais algumas mulheres nos reunimos na casa da noiva alguns dias antes do casamento para preparar os pães, nós não fazíamos só um, fazíamos vários, e depois de assados ficavam bem bonitos, cresciam muito, nós tínhamos dificuldade as vezes para tirar do forno (KARPOWICZ, 2019).

O *Korovai* cumpria um rito que denotava o paralelo da cultura entre os ciclos familiares e os da natureza. A árvore simboliza a vida agrícola, tem sentido de associar o novo casal às forças fertilizadoras da Mãe-Terra. (ANDREAZZA, 2007)

De acordo com Lucavei e Schorner (2013, p. 61), “no pinheirinho são colocados como enfeites cordões com balas, o que torna-se na hora da dança a alegria das crianças, que ficam ao redor de quem está dançando esperando que as balas caiam no chão, a fim de pegá-las”.

Na imagem a seguir, de um casamento de 2019 que tem a utilidade de mostrar como eram os pães, pode-se perceber como eram enfeitados, sempre coloridos com fitas, e com um pinheirinho ao centro.



MAGEM 6 – KOROVAI

Fonte: O autor, 2019.

Dessa forma, o *korovai* era dançado ao som das *kolomeikas* (canções populares do casamento) e a alegria era contagiante. Nas *kolomeikas*, “ouvia-se o som da rabeça e do bumbo; e muitas vezes a gaita de 12 baixos do próprio juiz de paz. Ele aliava a celebração do casamento com uma participação ativa nas festas” (ANDREAZZA, 1996, p. 140).

Dessa maneira, “após os noivos circundarem a árvore do Korovai, tinham a permissão para festejar pois estavam autorizados socialmente a dar frutos” (ANDREAZZA, 2007, p. 36).



IMAGEM 7 – DISCO COM CANTOS UCRANIANOS QUE ERAM CANTADOS NO CASAMENTO

Fonte: acervo pessoal de João Karpowicz

A autora Andreazza (1996), ao trabalhar com dados demográficos, analisa a situação das mães solteiras na colônia. Segundo ela, em uma sociedade que definia as posições sociais com símbolos externos, era negado às mães solteiras o uso de tranças e de cabelos longos (símbolos da moça solteira), em vez disso, tinha de usar a *h'ustka* – um lenço que as casadas usavam (apesar das mães solteiras não serem casadas, ordenando-lhes que usassem como uma forma de punição).

Dessa maneira, em um momento da festa de casamento, como pode ser analisado no filme “No meu tempo era assim” (2012), o qual retrata um casamento ucraniano, baseando-se em como o mesmo ocorria em 1960, é mostrado que, antes do casal retirar-se, era colocado um lenço sobre a cabeça da noiva, o qual ela passaria a usar na condição de esposa. De acordo com a entrevistada Lúcia K., casada na década de 50: “em um momento da festa me colocaram o lenço que eu usaria depois de casada, mas depois não me acostumei, usei durante um tempo e depois não usei mais, o lenço está guardado, meu pai trouxe da Europa para mim” (KARPOWICZ, 2019). Dona Zélia, casada na década de 70 diz: “eu me lembro que alguns colocavam o lenço, mas no meu casamento não colocaram, já não era mais comum, [...] o lenço servia para marcar que a moça virou uma mulher” (de SOUZA, 2020).

Depois de casados, se não tivessem casa, era comum que o casal habitasse durante

algum tempo na casa dos pais, geralmente os do noivo. Se fossem herdeiros, essa moradia era fixa.

As entrevistadas declararam que ao casar puderam morar em suas casas separadas dos sogros, mas que a moradia não ficava longe, uma delas ganhou do pai uma vaca leiteira para que iniciasse sua vida com o marido ao se mudar.

De uma maneira geral, é possível perceber como os rituais presentes no casamento ucraniano eram marcados pelas sociabilidades, à medida que suas representações e simbologias são associadas a manutenção da identidade. Nos casamentos, o grupo de indivíduos eram capazes de exaltar as tradições oriundas da pátria mãe, seja por meio de músicas, danças, alimentos, vestimentas ou outras ações que compunham esses ritos.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio do presente trabalho foi possível analisar os casamentos ucranianos a partir da década de 50, a qual foi marcada por várias mudanças devido a morte do Padre Michalczyk. Pode-se perceber, por exemplo, que em 1950 a mulher e esposa já poderia optar pela continuidade de utilizar o lenço após ser casada, e em 1970 o rito de colocação do lenço já era pouco praticado, analisando-se então, que houve uma mudança de hábitos no decorrer dos anos. Ou seja, alguns símbolos externos que eram indispensáveis para Michalczyk até 1950, passavam a ser facultativos para os casais desta mesma década e das posteriores.

Este artigo é de suma importância para enaltecer os rituais do casamento ucraniano nos parâmetros culturais e sociais, de modo que as informações aqui contidas não caiam no esquecimento de seus futuros descendentes, os quais, se não praticam esses ritos atualmente, ao menos possam ter o conhecimento de como eles foram realizados em décadas em que os casamentos representavam além do status social, eram repletos de simbologias externas e significados.

Por outro lado, é possível analisar que alguns ritos não sofreram alterações e continuaram a ser praticados, vistos até os dias atuais. Além dos rituais que pertencem a cerimônia religiosa, os quais permaneceram os mesmos, temos também o *Korovai*, o qual foi praticado ao longo dos séculos e manteve sua essência.

Além disso, percebe-se também o quanto os casamentos envolviam a comunidade, à medida que parentes e vizinhos ajudavam no mesmo, seja durante os preparativos ou então no dia da cerimônia e posterior comemoração, caracterizando o fato de que esses casamentos foram essenciais para o desenvolvimento e a manutenção de sociabilidades, pois proporcionava intenso contato e comunicação entre os envolvidos.

REFERÊNCIAS

KARPOWICZ, João; KARPOWICZ, Lúcia. Entrevista realizada dia 06 de abril de 2019.

SOUZA, Antônio de; SOUZA, Zélia Baluta de. Entrevista realizada dia 18 de março de 2020.

ANDREAZZA, Maria Luiza. **Paraíso das Delícias estudo de um grupo ucraniano 1895-1995**. Curitiba – PR, 1996.

ANDREAZZA, Maria Luiza. **O impacto da imigração no sistema familiar: o caso dos ucranianos de Antônio Olinto**, PR. História Unisinos 11(1):28-39, Janeiro/Abril 2007. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/historia/article/view/5873> Acesso em: 01/06/2019.

BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, Philippe & STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teoria da etnicidade**. São Paulo: UNESP, 1998.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas Ciências Sociais**. Bauru: EDUSC, 1999.

ECOLÓGIO – **Liturgia dos sacramentos, bênçãos e orações. Eparquia Ucraniana de São João Batista. Assinado pelo Pároco Efraim Basílio Krevey**. Curitiba, 2000, Protocolo nº T. II – 481.

FRANKÓ, Ivan. Para o Brasil. Curitiba: Sociedade dos Amigos da Cultura Ucraniana, 1981.

KHOURY, Yara Aun. **Narrativas Oraís na investigação da História Social**. Proj. História. PUC-SP. (22), jun. 2001. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/10731>> Acesso em: 24 de junho de 2019.

LUCAVEI, Lucélia; SCHORNER, Ancelmo. **Os rituais de Casamento Ucraniano: entre permanências e transformações – Irati/PR (1978-2008)**. Revista TEL, v. 4 – n. 1 – Jan.-Abr. – 2013.

NO MEU TEMPO ERA ASSIM. Multimídia Produções, 2012.

RAMOS, Odinei Fabiano. Ilhas cercadas por “quase” todos os lados? Ucranianos, poloneses e brasileiros em Prudentópolis. IX Encontro de pesquisadores do Uni-Facef, 2008, Franca. Disponível em <http://www.facef.br/novo/publicacoes/IIforum/Textos%20EP/Odinei%20Fabiano.pdf> Acesso em 23 de março de 2020.

ROMANHUK, Jussara. Ucranianos em Rio Azul. Irati, 2004. Monografia (Especialização em Perspectivas do Ensino de História no Brasil). Setor de Ciências Humanas da Universidade Estadual do Centro-Oeste.

LUCAVEI, Lucélia; SCHORNER, Ancelmo. Os Rituais de Casamento Ucraniano: entre permanências e transformações – Irati/PR (1978-2008). **REVISTA TEL**. V. 04 - N. 01 - Jan.-Abr. – 2013.

SANTOS, Prof. Dr. Antonio Cesar de Almeida. **Fontes Oraís: testemunhos, trajetórias de vida e história**. Disponível em: < <http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Testemuhostrajetoriasdevidaehistoria.pdf>> acesso em: 09/03/2020.

TAMANINI, Paulo Augusto. **Rito de Instituição e práticas religiosas em uma celebração ortodoxa ucraniana**. Revista Brasileira de História das Religiões. ANPUH, Ano II, n. 6, Fev. 2010 - ISSN 1983-2850. Disponível em: <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pdf5/texto4.pdf> Acesso em: 01/06/2019.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Acervos 27, 29, 30, 34, 36, 37

Anormalidade 201, 202, 204, 205, 210, 214

B

Bibliotecas Particulares 177

C

Casamento ucraniano 114, 120, 124, 129, 130, 131

Centro de documentação 27, 29, 30, 35, 37, 134, 177

Consciência histórica 64, 65, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 78, 79, 82, 87, 92, 93, 97, 98

Crônica 155, 156, 159, 162, 163, 164, 167, 175

Cultura 5, 7, 10, 16, 17, 19, 20, 23, 24, 26, 40, 51, 55, 62, 64, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 73, 75, 76, 77, 82, 84, 85, 87, 89, 93, 98, 101, 102, 104, 111, 114, 115, 117, 118, 121, 123, 127, 131, 136, 139, 145, 151, 152, 155, 156, 157, 158, 163, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 175, 176, 177, 178, 179, 199, 201, 216

Cultura popular 17, 26, 89, 155, 156, 157, 158, 167

Currículo 1, 4, 7, 8, 9, 10, 11, 14, 15, 16, 17, 18, 20, 22, 23, 24, 25, 26, 48, 59, 70, 71, 83, 85, 86, 97

D

Decolonialidade 65, 77

Direito 3, 6, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 55, 78, 85, 123, 135, 187, 193

Disciplinas escolares 14, 15, 16, 17, 18, 23, 25, 26

Ditadura civil militar 20, 23, 80, 81, 82, 83, 90, 92, 93, 94, 95, 96

E

Educação 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 19, 20, 21, 22, 25, 26, 44, 47, 53, 54, 55, 56, 59, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 69, 70, 71, 72, 76, 77, 78, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 91, 92, 93, 94, 96, 97, 113, 161, 206, 216

Educação básica 1, 6, 8, 10, 12, 61, 64, 80, 81, 82, 92, 93, 94, 97

Educação para relações étnico-raciais 65

Emigração 114

Ensino de história 1, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 64, 65, 70, 72, 78, 80, 81, 83, 84, 86, 87, 89, 93, 97, 98, 112, 131

Escola do Recife 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 46, 47, 48, 49, 50, 52

H

História 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 45, 48, 50, 51, 52, 55, 62, 63, 64, 65, 70, 71, 72, 73, 74, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 105, 106, 107, 111, 112, 113, 114, 115, 131, 133, 134, 135, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 158, 159, 161, 162, 163, 165, 166, 167, 168, 169, 173, 176, 178, 179, 185, 188, 189, 192, 193, 195, 196, 199, 201, 202, 209, 211, 213, 214, 215, 216

História difícil 80, 81, 83, 87, 92, 94, 95, 97

Historiadores 22, 27, 34, 36, 37, 40, 89, 91, 145, 146, 147, 151, 153

História local 7, 14, 15, 16, 17, 19, 21, 22, 23, 24, 25, 140, 143, 144

História oral 114, 115, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154

Historiografia alagoana 145, 149, 150, 151, 153

J

Jota efegê 155, 156, 157, 158, 162, 163, 164, 165

L

Locais de memória 99

M

Marcas-de-água 177, 178, 180, 181, 182, 183, 184, 196, 198

Memória 9, 26, 29, 36, 52, 72, 74, 75, 90, 99, 102, 112, 140, 145, 146, 147, 148, 151, 153, 154, 155, 156, 158, 161, 162, 164, 165, 167, 205, 206, 209, 211, 212

Música 31, 33, 126, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 203

P

Passado 13, 14, 15, 16, 19, 24, 25, 28, 36, 72, 73, 75, 76, 78, 80, 81, 82, 83, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 102, 107, 110, 114, 116, 139, 144, 146, 147, 148, 155, 157, 164, 165, 213

Pesquisa 12, 14, 15, 16, 17, 20, 25, 26, 27, 29, 30, 33, 35, 37, 41, 43, 44, 53, 57, 60, 61, 66, 70, 71, 79, 86, 87, 92, 96, 97, 100, 101, 104, 115, 134, 137, 138, 142, 145, 146, 147, 148, 150, 151, 152, 153, 155, 156, 161, 163, 166, 178, 201, 208, 214

Pessoa com deficiência visual 53, 55, 59

Piauí 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 47, 48, 49, 50

Políticas públicas 1, 2, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 12, 148, 153

Preservação de documentos 177

Professores 1, 2, 4, 5, 6, 7, 10, 16, 19, 20, 24, 25, 26, 27, 29, 31, 40, 42, 47, 50, 59, 76, 79, 80, 81, 82, 83, 85, 86, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 95, 97, 104, 134

R

Rituais 67, 77, 114, 115, 120, 122, 130, 131

S

Santos 12, 13, 14, 31, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 77, 78, 80, 81, 82, 89, 90, 91, 97, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 110, 111, 112, 113, 131, 143, 150, 152, 154, 174, 200

Subjetividades 24, 73, 153, 201, 202, 213, 214

T

Tecnologias assistivas 53, 54, 55, 56, 57, 59, 60, 61, 62

Travestis 201, 202, 206, 210, 211, 214

Turismo pedagógico 99



CHAVE DE COMPREENSÃO DA HISTÓRIA:

Cultura &
identidades

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

 **Atena**
Editora

Ano 2021



CHAVE DE COMPREENSÃO DA HISTÓRIA:

Cultura &
identidades

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

 **Atena**
Editora

Ano 2021